

TEATRO DO BOI DE MAMÃO

Ouve-se música – um bumbo e chocalhos
Pou! Pou! Pou!

O arauto trazendo o estandarte identificando o grupo. O arauto fala através de uma corneta como um megafone e clama por toda a gente.

ARAUTO - Venham para assistir a incrível façanha do famoso boi do senhor Mateus. Poderoso dono de muitos bois, mas este em especial toda a gente deve conhecer. Um animal único. Dança, cabrioleia, pula, rola e é muito assanhado. O boi parece uma coisa divina.

O Padre – interferindo furioso: Pera ai, pera aí, pera ai. Isto é um sacrilégio! Dizer que um boi é divino? Tas tolo tas? Quem é o dono desse boi seu ateu, seu ateu, seu ateu. Gritando aos pulmões plenos.

Entra Mateus - Meu nome é Mateus, sua excelência, e não ateu. É Mateus como o nome do santo apóstolo que tem uma águia como símbolo. Eu, senhor padre, tenho um boi de estimação que é mais que um irmão, mais do que um filho e o senhor quer saber.

Padre – Mas isto é uma ofensa, endeusar um animal, ainda mais sendo um boi que lembra mesmo é do demo. Vade retro, sataná!

Mateus – Vade, padre, vade que isto é para a nossa alegria e em louvor a São João.

Padre – Te esconjuro e esse boi amaldiçoado.

Mateus – Credo em cruz (benzendo-se) Diz que praga de padre pega. Deus me livre. Os anjos nos guardem e nos protejam, mas sem boi eu não vivo. A civilização se fez pela domesticação dos animais que geram riquezas para o homem.

Xandoca – (Interferindo no discurso do Mateus, começa pedindo um dinheirinho. O personagem é apresentado por uma exótica figura feminina, maltrapilha, mas vaidosa e pede dinheiro para toda a assistência. Vai incomodando as pessoas, enquanto assistem ao espetáculo. Ela tem a função de arrecadar auxílio para os integrantes do folguedo.).

A cantoria ataca avisando da presença da Xandoca e apresentam a primeira música que na verdade é um aviso para que preparem as esmolos.

O coro se espalha! “Olha a Xandoca pedindo um dinheirinho, olha a Xandoca pedindo um dinheirinho e vai...”

Mateus: Então, onde está o nosso boizinho? Senhor mestre-sala. Chame o vaqueiro e que ele traga o nosso queridinho, o nosso boizinho Pimpão. Ainda mama, mas é muito bom. Venha de lá, senhor vaqueiro. Chame logo o bicho pro meio do salão.

Arauto: Senhoras e senhores, meninos e meninas vejam só que maravilha, chegou à hora de lhes apresentar o famoso boi Pimpão que sem demora estará no meio do salão.

A orquestra ataca com versos solícitos para que o boi venha, e entra o vaqueiro levando uma vara comprida e fina contendo em uma extremidade alguns cincerros, pequenas sinetas. O vaqueiro todo fagueiro faz mil salamaleques de cumprimentos, reverências e padedes. Em seguida entra o boi extremamente comportado, dançando bonito, brincando gostoso com as crianças, sempre coordenado pelo vaqueiro, que é na verdade o pajem do boi, e o altivo, orgulhoso senhor Mateus se pavoneia, leva uma pequena capa vermelha de toureador nas mãos e, habilidoso, realiza verdadeiras acrobacias com a capa e interage com o boi, mas de maneira bem serena, doce brincadeira cheia de música dança e arte entre o boi, o vaqueiro e o senhor Mateus até que de repente, para espanto de todos, o boi pifa. De repente, um tropeço, um tremor, um espasmo seguido de espanto, muita tremedeira e o boi fica inerte. Acabou-se! O boi morreu...

Mateus alterado e apavorado: O que foi que aconteceu? O que é que está acontecendo? Senhor vaqueiro, diga logo o que foi que este boi comeu? O que foi que este boi bebeu? O boi está doente? O boi morreu?

Vaqueiro: Meu senhor Mateus, também estou desolado com o que está acontecendo com o boi Pimpão. Tive o maior cuidado. Isto que está acontecendo só pode ser mal olhado!

Mateus: Tu achas que ele está embruxado?

Vaqueiro: Acho sim, pergunte pra toda esta gente se não é mesmo que o boi está embruxado.

Mateus: Será mesmo, boa gente, que este nosso bozinho Pimpão está embruxado?

Bruxa – No instante passa como um raio com sua vassoura e gritando indignada, sempre bem ligeirinha, elétrica, indo de um lado para o outro e bradava! Que coisa, que coisa, que coisa! Sempre onde alguma coisa dá errado, a culpa é da bruxa. Que coisa, que coisa, que coisa. Não tenho nada a ver com o pitafê desse boi. Só pode ser por causa da praga do padre. Que coisa, seus intrometidos. As coisas do além, não é pra ninguém. Estas coisas do sobrenatural é só para os escolhidos que são chamados pelas vozes misteriosas que pairam pelos ares. Que coisa! A culpa é de vocês que estão cheios de mal olhado. Vocês me metem é um medo medonho. Que coisa, que coisa e que coisa. (sai ligeira)

Desde a aparição da bruxa, Mateus e o Vaqueiro estão agarrados ao boi como que para protegê-lo da bruxa. Ressabiados, rodeiam o boi não permitindo a aproximação da bruxa junto ao boi. - Com a saída da bruxa a cena ganha certa calma até que o Mateus como que acordando da hipnose bruxófica começa a chamar por socorro.

Mateus bem assustado: Chame o médico. Chame o médico, Vaqueiro, depressa homem de Deus.

Vaqueiro: O Senhor Mateus, o melhor é chamar um benzedor, o boi está com mal olhado.

Mateus: Chame o médico de uma vez, já disse, chame o médico e que venha bem ligeiro

Vaqueiro: Só pode ser mal olhado, é doença espiritual, devíamos chamar o Pai Adão, é o melhor benzedor e curador que existe.

Mateus (aos berros): Vai chamar o doutor é pra já. (Sai o Vaqueiro) Mateus é o desconsolo só e chora, ajoelha-se, reza, pede apoio para a plateia para que façam uma corrente e em coro fazem um peditório. Mateus diz as palavras e a plateia repete.

Senhor São Francisco
Nossa Senhora do Rosário
Peça a Nosso Senhor Jesus Cristo
Que está em seu sacrário
Que ajude a este bicho
Ficar logo sarado
Senhor são João
Pedimos também
Para que o boi Pimpão
Fique logo bom
A promessa será paga
Com dança e muita comilança.

O Arauto anuncia a entrada do médico e de sua excelentíssima esposa.

Arauto: Senhoras e senhores, crianças e criancinhas, olhem quem vem pra ajudar. O Senhor Médico e a sua esposa.

O médico entra emburrado, o vaqueiro está contrariado e a mulher do médico toda lampeira, rica e elegantemente, trajada, está bem animada com tudo, olhos arregalados e claramente interessados no senhor Mateus.

Médico: O senhor me desculpe, não sou médico de bicho e não sou veterinário. Sou médico de gente, médico de dar remédio de boca abaixo.

Mulher do Médico: Ajuda, ajuda, nego, por aqui não tem nenhum veterinário, ajuda amorzinho, vai.

Vaqueiro (bem chateado): Acho melhor chamar um benzedor.

Mateus: Oh, Senhor doutor, tem compaixão, este é o meu bichinho de estimação é como gente, é como filho. Meu boizinho Pimpão.

Médico: Tá bom, tá bom, vou tentar diagnosticar para saber o que é que está se passando.

Mateus: Tá muito mal, tá muito mal, tá muito mal.

O médico acompanhado do vaqueiro analisam o boi e se distraem em conjecturas. Enquanto isto, a mulher do doutor vai consolar o Mateus.

Mulher do doutor: Entre o falar de não chora, não chora e não chora. (Ela abraça o Mateus e sorratamente saem de cena).

Médico para o Vaqueiro: Não tem jeito, este boi está é mamado. Vocês deram cachaça para ele beber foi?

Vaqueiro: Não, sinhozinho, ele bebeu foi é leite de vaca parideira.

Médico: Ninguém me engana, este boi está embriagado. Mamou mas foi na cachaça, ele está mamado. É mesmo um boi mamão. Deram cachaça para o bicho, botaram cachaça no cocho lá do mangueirão, este boi é um mamão. Este boi é beberrão. Está mamado, é mamador, é um mamão.

Vaqueiro: Não senhor, não. Ele está é com um bruto de um mal olhado. Está com quebranto brabo de tanta gente a desejar possuir o pobre do boizinho só porque ele é ensinado, porque é belo e dançador.

Médico: Pode ser, mas está mamado da cachaça que chega a feder de longe.

Vaqueiro: Não, sinhozinho, ele não bebeu nenhum só traguinho. Eu sim bebi um pouquinho.

Médico: A minha mulher, onde está? O senhor Mateus, para onde foi?

Vaqueiro também não sabe e o médico pede ajuda para a plateia. A fuzarca está armada. A plateia os denuncia e o médico sai ao encalço do Mateus e de sua mulher. Este escândalo de corre-corre, esconde-esconde, acontece por trás da assistência. No centro está o boi e o Vaqueiro. O Vaqueiro aproveita a ausência de todos, chama um cachorro e o instrui para cuidar do boi.

Música para o cachorro que fagueiro contorna o boi, cheira aqui e ao cheirar o focinho do boi, cai pra trás e dorme. No momento urubus entram em cena.

Música para os urubus que rodopiam em torno dos dois e felizes com o repasto e acabam bicando primeiro o cachorro que se acorda e corre atrás dos urubus daqui pra lá de lá pra cá até que surge o Vaqueiro trazendo o benzedor e colocando todos em fuga.

Vaqueiro: Que lástima, Pai Adão, olha só o que aconteceu com o querido boi Pimpão.

Benzedor: O bicho está mesmo é enfeitado. Tá com o lombo carregado de mal olhado Credo em cruz e na Virgem Maria. Atesto caso de embruxamento.

Bruxa: (Entra irritada como quem vem para tirar satisfações) Vê se te enxerga, velho feiticeiro. Tu vais ainda é acabar bebendo com esse boi mamador de cachaça, um boi mamão. (Sai como um raio, fedendo a enxofre).

Vaqueiro: Salva o boi Pimpão, Pai Adão. Faça o favor de consertar o bichinho.

Benzedor: Já vai. Com a força da santa fé, nós vamos expulsar os espíritos malignos que estão de encosto contra o pobre animal. Folhas de oliveira, manto sagrado lavado nas águas do rio Jordão e do mar da Galiléia. Fazendo a santa cruz te benzo em nome do Pai. Pois, assim como recebi estas palavras de Nosso Senhor Jesus, pelo seu corpo em cruz. Assim como o sol passa pela lua, a lua também passa pelo sol e se este mal no teu comer, no teu beber, no teu deitar, no teu dormir, no teu andar, no teu vestir, esse mal

sobre a tua formosura, com dois te botaram, mas com três eu tiro em nome do Pai do Filho e do Divino Espírito Santo Amém.

Vaqueiro: Precisa de mais força de reza, Pai Adão.

Benzedor: (Convoca toda assistência para juntos dizerem as palavras mágicas da benzedura de espantar bruxas. Pai Adão vai dizendo as palavras e a assistência precisa repetir).

Benzedor fazendo misuras enquanto a plateia é animada pelo Vaqueiro.

Benzedor: Pelo símbolo de Salomão

Plateia: Pelo símbolo de Salomão

Benzedor: Que te benzo com a vela benta na Sexta-feira da Paixão.

Plateia: Que te benzo com a vela benta na Sexta-feira da Paixão.

Benzedor: Treze raios tem o sol

Plateia repete cada frase

Continua a reza

Treze raios tem a lua

Salta demônio para o inferno

Pois esta alma não é tua

Tosca marosca

Rabo de rosca

Aguilhão nos teus pés

Freio na tua boca

Por cima do silvado

São Pedro São Paulo e São Fontista

Dentro da Casa

São João Batista

Bruxa tatara bruxa

Tu não me entres nesta casa

Nem nesta comarca toda

Por todos os santos dos santos

Amém

O Boi se estremelica, estremece, se agita, se arrasta, tenta se manifestar, mas está xucro e o Pai Adão se espanta e acaba revelando o grande mistério.

Pai Adão: Mô santo, vrige Maria, o bicho tá munto do mamado. Aparece que aressucitou-se, mas danou-se ainda tá munto grogue. Vaqueiro, dá café forte amargo pra esse boi beber, pois que o mal dele é de bebedeira mesmo. Mamou muito na garrafa de cachaça o desinfeliz. Não tem é mal olhado nenhum. Ele está mesmo é mamado. Não tem nada a ver com embruxado. Esse boi está mamado é um boi mamão, pois não é não? Tá levanta boi Pimpão, ta alevanta boi Mamão.

A orquestra ataca e o boi faz que dança, mas está arisco, ficou xucro, meio descontrolado, atrevido, se enfurece e começa a infernizar a todos e ataca a assistência perigosamente e não obedece ao Vaqueiro e nem ao benzedor. O Mateus retorna espavorido, tenta tourear o bicho que cabrioleia furioso.

A orquestra protesta e para a música.

Mateus: Senhora do Rosário nos protegei, o bicho Pimpão está endemoninhado, tá mesmo com o tihoso agarrado no couro.

Vaqueiro: Foi a reza forte do benzedor

Trouxe da morte todo o horror

Benzedor: Não posso negar, ele ressurgiu

Brabo como a vaca que lhe pariu

Mateus: Senhora do Rosário nos protegei

Contra a besta-fera nos valei

Vaqueiro: Melhor chamar um bom ginete

Que seja cristão e muito valente

Benzedor: Acredito na santa do rosário

Com São Benedito no oratório

Mateus: Com fé vou chamar o ginete com seu cavalinho enfeitado

Para dar graças e domar este boi endemoninhado.

A orquestra ataca música para o cavalinho

O ginete garboso e altaneiro, com um lenço no pescoço, ao se apresentar entre muitos elegantes salamaleques, retira o lenço e o entrega para quem deverá fazer a remuneração pelo trabalho de laçar e domar o intrépido boi furioso. Pelo menos, retirá-lo do salão, pois está colocando toda a assistência em sérios perigos.

O Ginete pede a palavra e a orquestra se cala.

Ginete: Aviso ao solicitante. Faço meu trabalho com esmero, mas careço de cobrar em dinheiro. Laço e levo o bicho endemoninhado para a mangueira que me mandar.

Mateus: Depressa, homem de Deus, laças na primeira então todo o dinheiro será teu. Se errares, o dinheiro será do boi. Ficas ainda com o compromisso de laçar e retirá-lo do salão.

Ginete: Proposta aceita e vamos à ação.

A orquestra ataca continuando a música para o cavalinho

Mateus realiza uma coleta entre a plateia e joga o lenço para que o ginete apare. Caso caia no chão, o ginete será vaiado.

Recolhido o lenço com a recompensa monetária, não se sabe quanto dinheiro tem ali e segredo lá do ginete ou do boi. Caso o ginete lace o boi na primeira laçada ele fica com o dinheiro que está no lenço. Caso não consiga, o dinheiro fica para o boi.

O cavalinho laça o boi e se exhibe puxando o animal pelo laço e sai levando o boi. A orquestra se cala triste com a música de adeus ao cavalinho e ao boi.

Mateus: O Senhor Vaqueiro, o senhor está despedido, não quero mais que cuides de meu boi. O senhor benzedor, faça o favor de ir curar é as cabras. Vão cuidar de cabras que é bicho bem menor.

Vaqueiro e Benzedor ficam no salão e o Mateus sai de cena.

Quando menos esperam, ouve-se um berreiro doido de cabra azucrinada a entrar no salão, espevitada e dando marradas e chifradas em perseguição ao Vaqueiro e ao Benzedor que tentam se defender. A orquestra ataca com a música marota para a brincadeira da cabra que se torna descontrolada, atacando agora até a plateia. O Vaqueiro e o Benzedor começam a clamar pelo ginete com seu cavalinho para laçar a besta-fera da cabra maluca e retirá-la do salão.

O ginete montado em seu cavalinho alazão já de laço em punho perseguindo a cabra, laça o bicho espevitado e a retira do salão, sendo seguidos pelo Vaqueiro e o Benzedor, que saem de cena.

Anoitece. Um manto negro cheio de estrelas surge no salão.

No salão da noite vem o boitatá
Iluminando o terreiro
Pra festa começar
(Entra com o corpo cheio de lanternas e uma burca preta transparente por cima. Corre ligeiro de um lado para o outro, pula, salta, cabrioleia como uma visão e soltando fogos de bengala sai de cena).

É de manhã
É meio-dia
O sino bateu a ave-maria
É Meia-noite
O galo anuncia
Já madrugou
Já é de dia

(O galo cisca o chão, bate as asas e canta bem alto: Cocoricóóó).

O galo quando canta o sol levanta
Anunciando raiou o dia
A mata toda é uma sinfonia
Vem de lá e vem de cá
De braços dados que alegria
Espíritos das Florestas
Que se apresentam nesta festa

Yara, deusa sublime fonte da vida
Seu leite emana e é a mais pura água
Das águas profundas
E das águas rasas
Fontes frondosas
Formosa Yara

(Caipora e curupira jogam flores sobre a Yara, que traz uma jarra e oferece água fresca para a assistência.).

A caipora protege os bichos
E o curupira protege as matas

São deuses que vêm para saldar
Toda a gente que sabe preservar

Se não temos a sabedoria,
Eles precisam avisar

Curupira - A natureza, é preciso cuidar
Caipora - Tudo depende do homem
Curupira - O bicho mais inteligente
Caipora - O bicho mais perigoso
Curupira - Diz que é gente, diz que é gente.
Caipora - Salve a natureza e preservem todos os parentes
Todos somos filhos de um mesmo e único Deus.
Caipora, caipora é mesmo assim.
Curupira, curupira diz que é mesmo assim.

A orquestra ataca:

Olha lá que coisa é esta barulhenta que aí vem
São macacos feito gente e querem dançar também
Macaco malami
Macaco malami
Dança um pouquinho pra mim
Dança na ponta dos pés
Macaco malami – macaco malami
Venham brincar com as crianças
Que elas fazem cafuné.
(Os macacos fazem barulho, uma gritaria, mas são dóceis e carinhosos com as crianças e beijam as mulheres afetuosamente, sempre educados cumprimentam os homens, os macacos são quase humanos)

Olha o urso-negro meu urso vem cá
Olha o urso-branco meu urso vem cá
Dá passagem para os ursos
É do circo que eles vêm
Reparem como dançam a valsa muito bem
Não cheguem perto, são bichos ferozes.
O abraço parece de amigo, mas são muito perigosos.
Tragam bem acorrentados para o meio do salão
Ao som da valsa são muito bons

Lá, lá, lá, lá, lá
(estimula a plateia a cantarolar a valsa *Danúbio azul* em lá lá lá. Os ursos dançam delicadamente. Bonito, mas já espreitam as futuras vítimas entre a assistência. De repente escapam das mãos do domador e barbarizam a plateia, agarram crianças e as levam para o meio do salão onde rolam, deixam as vítimas amarradas e perseguem outras até que a orquestra chama a atenção para mais uma visita na grande festa. Quando os ursos se dão conta de que se trata da bernúncia eles saem de cena ligeirinhos.

Olé Olé Olé Olé Olá

Arreda do caminho que a bernúncia quer passar
Estava trabalhando quando ouvi falar em guerra
Mas era só a bernúncia que vinha descendo a serra.
A bernúncia é bicho brabo, engoliu mané João
Come pão, come bolachas, come tudo o que lhe dão
Olé olé olé olé olá

Arreda do caminho que a bernúncia quer passar.

Ela vem acompanhada com o Jaraguá
Batendo a bocarra ele canta uma canção
A canção é de amor e da fome na bernúncia
O Jaraguá lampeiro ajuda e ela se sacia
Devorando crianças que ela acha uma delícia.

(Dá uma volta, se aninha e acontece o nascimento de uma bernuncinha com as crianças que ela havia devorado. Ela fica terna e doce como toda mãe. O Jaraguá orgulhoso sai cumprimentando todos os homens presentes, dizendo a todos que ele é o pai da bernuncinha.)

Olé olé olá o pai é o Jaraguá
Lá vai ela serena e bela levando a sua cria
Olé olé olá o pai é o Jaraguá

(Vão saindo dando lugar para a Maricota e o Zezinho)

A festa está no auge e entra dançando no salão a Maricota com o Zezinho. Ela muito desconfiada e ele, totalmente apaixonado, fica jogando beijinhos debaixo para cima, pois a sua namorada é muito alta e, irritada, ataca quem rir deles dando bolsadas distribuídas a esmo e já se tornando inconveniente.

Zezinho (Abrindo um grande coração em forma de pão-por-Deus onde se lê):

Lá vai meu coração
Nas asas de uma gaivota
Vai pedir um pão-por-Deus
A minha querida Maricota

Zezinho: Mandeí um pão-por-Deus para ela
Gostou e me mandou um bolo para mim
Fiz a boda, comi, gostei
Agora sou todo dela
Ela é grande, um mulherão
Come arroz com feijão
Mas o que ela come para ficar tão alta
É repolho com batata
Gosto dela grande assim
O amor é maior para mim

De repente, entra aos berros a Xandoca, sendo atacada por um marimbondo.
A Xandoca está mostrando bem uma barriga de mulher grávida. O marimbondo azuneia e rodeia as moças novas que encontra na plateia.

O Xandoca, que gritaria é essa?
E essa barriga está inchada, o que foi menina?

Xandoca: Foi, foi, foi, foi marimbondo, sinhá, foi marimbondo que me picou e me inchou a barriga, sinhá, foi marimbondo, sinhá, enquanto eu estava pedindo um dinheirinho para dividir com toda a bicharada da brincadeira do boi, um marimbondo muito do fogoso me picou e minha barriga inchou. Todos são testemunhas do ocorrido e agora a todos convido para a grande reunião de todos que testemunharam histórias do boi de mamão.

A orquestra ataca e convoca todos os personagens para o meio do salão em um desfile repleto de danças e saracoteios, sendo que os últimos a entrarem são o ginete, com seu cavalinho, e o boi.

Com a música de despedida, os personagens vão saindo encerrando a apresentação do folguedo.

Primavera de 2009 – Enseada de Brito – Gelci José Coelho – (Peninha).